



Com os constantes aumentos das passagens, cada vez mais pessoas estão sendo levadas a fazer da bicicleta sua alternativa de transporte

Bicicletas tiram a população do sufoco

Usuários reclamam do preço da passagem intermunicipal que, com o último reajuste, passou para Cr\$ 4 mil. Os gastos com transporte já equivalem a 36,8% do salário mínimo

Rosa Blackman

A bicicleta virou uma forte alternativa de transporte na corrida contra os constantes aumentos no preço da passagem dos ônibus. Com o último reajuste das passagens do sistema intermunicipal — que passou de Cr\$ 2,8 mil para Cr\$ 4 mil — a partir de domingo passado, 11, uma parcela maior da população está sendo obrigada a substituir o banco dos coletivos pelo das biciletas.

Com o atual valor, uma pessoa que precisa pagar duas passagens de qualquer ônibus do sistema Transcol durante seis dias, desembolsa Cr\$ 48 mil semanalmente. Para quem ganha um salário mínimo, hoje fixado em Cr\$ 522.186,94, e precisa gastar esta quantia durante o mês, desconsiderados os finais de semana, este valor representará nada menos que 36,8% (Cr\$ 192 mil) de sua remuneração.

“Não dá mais para andar de ônibus aqui. A bicicleta se tornou meu único meio de condução e da população de baixa renda”, comentou o motorista José Lafaiete

Saiba quanto custa uma bicicleta

Modelo	Preço (Cr\$)
Urbano	1,9 milhão
Caloi Alunino (Chimano 200)	1,7 milhão
Caloi Alunino (Chimano 400)	3,1 milhões
Barra Circular Monark	715 mil
Caloi Ceci	715 mil
Brisa	890 mil
Poti	814 mil
Monark (18 marchas)	1,5 milhão
Caloi Andes Cross	3,9 milhões
Caloi Alunino ATZ	4,2 milhões
Barra Forte Monark	919 mil

Obs: Segundo os proprietários das lojas especializadas em reforma de bicicletas, os pedidos de orçamento para a execução de serviços aumentou consideravelmente nos últimos dias. A reforma de uma bicicleta, incluindo pintura, colocação de adesivos e limpeza completa está custando em torno de Cr\$ 120 mil.

Fonte: Lojas Armazém, Bel Cicle, Ciclomoto, Ciclo Gel.

do Couto, de 48 anos.

José Lafaiete disse que faz o trajeto de casa ao serviço — de Porto de Santana, em Cariacica, até a Ilha do Príncipe, em Vitória — de bicicleta. Como o traba-

lho dele depende da demanda de serviços da empresa, José Lafaiete chega a fazer até seis viagens por dia entre Cariacica e Vitória. “Às vezes eu preciso ir à empresa para saber se há algum servi-

Ciclovias são insuficientes

Para minimizar o problema da falta de espaço para a locomoção dos ciclistas nas avenidas de Vitória, a prefeitura da capital pretende construir mais três ciclovias. Atualmente só existem duas no município, uma situada ao longo da rodovia Serafim Derenzi e outra na avenida Fernando Rabello, em Goiabeiras.

O secretário municipal de Obras, Fernando Bettarello, informou que estão sendo feitos estudos para a construção de ciclovias nas avenidas Dante Michelini, situada na Praia de Camburi; Adal-

berto Simão Nader e Fernando Ferrari, ambas em Goiabeiras.

O projeto prevê ainda uma sinalização vertical, voltada para os pedestres, na avenida Nossa Senhora dos Navegantes, na Enseada do Suá. A data para a realização dessas obras ainda não está definida, pois os estudos não foram concluídos.

Na opinião de Bettarello, a construção das ciclovias vai estimular esse tipo de transporte: “Vitória é uma cidade plana que comporta a construção de ciclovias e até a implantação de uma rede delas”, afirmou.

Vale a pena trocar o ônibus pela bicicleta?



José Lafaiete Couto, 48, motorista: “Não tenho mais como pagar passagem. Para sobreviver, ando direto e reto de bicicleta. Carrego amigos na garupa e até faço compras com ela. A bicicleta serve para tudo e, com ela não tenho muita despesa. Só precisamos de ciclovias para termos segurança”.



José Barnabé Cesário, 43, pedreiro: “Há vários anos deixei de andar de ônibus e não desfaço mais da minha bicicleta por nada deste mundo. Andar de ônibus ficou ainda mais difícil porque a passagem está muito cara e também não compensa andar de ônibus se não temos segurança e se ele demora a passar”.

ço. Quando não há, eu tenho que voltar mais tarde”, explicou.

“Desfiz do relógio para comprar esta bicicleta, que hoje tem muito mais validade”, argumentou o motorista. Segundo o fiscal do terminal rodoviário da Ilha do Príncipe, Aldair Sant’Ana, a rodoviária se tornou um ponto de parada dos ciclistas.

ECONOMIA

Para o biscateiro Ronaldo Nascimento, 32 anos, a sua “máquina”, como chama a bicicleta, toda equipada de retrovisores, buzina, rádio e fitas coloridas, substituiu tranquilamente um ônibus.

Pelo menos três vezes na semana, Ronaldo Nascimento costuma fazer o trajeto de Serra Dourada III, na Serra, até o Bairro Industrial, em Cariacica, para procurar emprego.

Todo o percurso é feito em 2h30 de fortes e constantes pedaladas. “Se antes eu já não andava de ônibus, agora é que ficou mais difícil. Só ando de ônibus de carona ou saltando pela traseira”, admitiu.

Para muitos trabalhadores, a utilização do vale transporte também se tornou inviável. “Vou deixar de pegar vale transporte porque estão descontando o valor integral da passagem. A necessidade está apertando e agora só vou trabalhar de bicicleta”, afirmou o comerciário Carlos Roberto Santiago.

Esta também foi a decisão do funcionário público Mário Carlos Araújo, de 36 anos. “A segurança para os ciclistas é pequena, mas não temos mais condições financeiras de arcar com a despesa da passagem”, disse.